

# O BRASIL ILLUSTRAO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

1855



Côrso e Náutico:  
6 meses 8,--000. Um anno 16,--000.  
As oito páginas avulsa 1,--000.

N.º 5. Vol. I — Tercy-feira 15 de Maio de 1855.  
Encartaria, rua d'Ajuda, 79.

Províncias e Exterior:  
6 meses 10,--000. Um anno 20,--000.  
As dezacis páginas avulsa 2,--000.

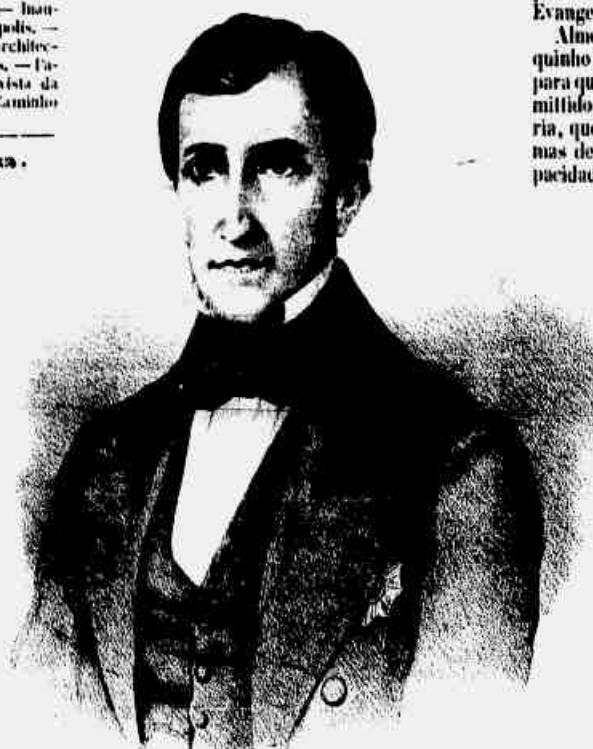
## HISTÓRIA.

O Sr. Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá. — Inauguração do Imperial caminho de ferro de Petrópolis. — FORTES. Lágrimas sentidas. — BELAS ARTES. A arquitetura oficial. — VINTEDAS. Observações curiosas. — Páginas de uma vida obscura. (Continuação). — Revista da quinzena. — GRAVATAS. O Sr. Barão de Mauá. — Caminho de ferro de Petrópolis.

## O Sr. Irineu Evangelista de Souza. Barão de Mauá.

O elogio que se prodigalisa nos contemporâneos quasi sempre que se torna cromo um perfume que oferta o huribulo da lisonja; porém mal entendida é as vezes essa accepção, porque os encômios tributados ao verdadeiro mérito devem ser uma renumeração, que de justiça deve fruir quem bem mereceu, visto que as recompensas tardias das glórias postuladas não são as mais das vezes, se não o pagamento de uma dívida, que se affecta satisfazer porque já não ha credor.

Nos países mais cultos da moderna sociedade, nesses países em que uma sólida instrução e um bem entendido jus as aflições sociais estabelece e demarca a tarifa das recompensas deferidas aos homens, que se constituirão credores de seus coevos; nesses países, em suma, em que o fogo das mãos da inveja não cresta e murella as flores da coroa cívica, que se quer pôr sobre a fronte dos contemporâneos, ninguém censura; ao contrario todos se unem de coração para tal fin, entoando um hymno de louvores a todos aqueles que por seus feitos em quaisquer gêneros de serviços humanitários se tornarão dignos de taes honras. Convençado de que o mesmo tenho a esperar entre nós;



pois como candidato aquellas horas, o Sr. Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá.

Almejava, se coubesse nos limites de meu mesquinho talento, ser um dos homens que contribuisse para que o nome, do Sr. Barão de Mauá fosse transmitido a posteridade ornado com a aureola de glória, que seus benéficos feitos lhe tem granjeado: mas deixando semelhante tarefa a mais altas capacidades que não a minha, o conselho de que é o mérito quem a si próprio se recomenda, tenho loda a certeza de que a história lhe fará a devida justiça, contentandomo com oferecer-lhe neste concurso literário, apenas coeva recordação de seu futuro nome.

Na verdade, quando se estudão certos homens, principalmente os contemporâneos, o observador não se ocupa com elles, indagando na sua apreciação, os factos que constituem nem sua vida íntima nem mesmo sua vida pública, considerada esta só em relação as ações que distinguem o individuo na massa commun dos homens, dando-lhe uma importância social e uma posição mais ou menos elevada em virtude dos resultados imediatos provenientes do mérito e valor dasquelas ações.

Estudo semelhante, pertence mais á história, ou para bem dizer, á biographia a quem compete o pleno domínio do passado; embora por sem dúvida se não possam extremar de todo os feitos dessa vida sobre que tenha de recorrer e de chamarmos a atenção nossa e a de outrem, daquelles actos que constituem para assim dizer o fundo do painel sem o qual este não poderia existir.

attendendo ao reconhecido merecimento, especiais qualidades e distintos actos do Brasileiro, sobre quem quero chamar por um modo mais saliente a atenção publica, com todo o denodo de homem que tem a consciencia de assumir sobre si a responsabilidade de uma nobre causa, apresento-lhe

Essa grandeza, criada Sr. Barão de Mauá, provou-se por alguma das mais de que uma das suas individualidades, presentemente, é estudar e exercer talvez influencia sobre o que se pode considerar, e que um desses principios originais é, personalmente, se no mundo social de tempos atuais, se não se membro, mas importar um compromisso com o progresso. São ideias e concepções que nasceram das fases, permanentes, das fases que fecundando se sucedem, e assim continuam os sucessos futuros e consequentes que elas na cadeia do progresso contínuo. As naturezas privilegiadas, como a Sr. Barão de Mauá, se encantam tais ideias, a que impulsiona a força ao serviço do direito, das leis para o triunfo dos princípios. Na base dessas são robustas organizações, que fazem transluçao da superabundância de sua vitalidade por todas as artérias do corpo social, arrastando a ondas a sua regeneradora das necessidades materiais, intelectuais e morais. Tais são, resumindo, os principios e os intentos do sacerdote Sr. Evangelista de Souza, exortando os semblantes associacionistas a manterem verdades e alianças.

Com efeito, nascido da sorte incombustível heróico astucioso, não embaixou o Sr. Barão de Mauá excepto as ditas sociaes de um pergaminho um direito humano, as honestas e duras, e uma elevada postura social, nem tão pouco acha no beijo de um colo forte acostumadas pelos trabalhos de seus membros, essas riquezas que nos umbrais da vida possíveis, unicamente, nos subministrão os necessários recursos para podermos fazer face a todas as necessidades e desejos que para logo, elas nos dão. Tudo quanto, e quanto possa a si deveu, tudo o fruto de honestas e laboriosas fadigas, que lhe dão, com quase que ilustras heridas chonocentes, se pedem ao ar homens. Mas sempre é certo que, sem aquelas fadigas, não constituiriam, metropolia egosistica de uma simples individualidade. Não, porque erguendo o Sr. Barão de Mauá a estrela de sua ventura particular igualmente acendiam em torno a si os materiais que desde já e no porvir formarão os monumentos da ventura social de sua pátria; consistindo isto toda sua verdadeira glória... E é que voltar explicar.

Lançando-se na carreira do comércio desde a infância, para logo elle presentiu em sua mente a inspiração de que esta sobre a sua carreira ainda não tinha atingido em sua pátria todo o alcance que ella e susceptível para promover a felicidade social. Compreendeu, que, se elle era o vanguarda da circulação das riquezas, com tudo não era o seu material se não quando promovendo a produção, faz com que cada vez mais se facilitem os meios de contribuir-se para que o movimento mercantil estejante se coloque com o inferior em qualquer país dando-lhe impulso e expansão.

Na verdade se com a devida atenção se estudar, e que, em essa sua teoria e em si o comércio, um observador atento se deve compenetrar da verdadeira da essa verdade que acaba de enunciá-lo. O comércio se via de amora da civilização, nascendo no momento em que os indivíduos deixavam diretamente as suas relações a si próprios com os objectos necessários as necessidades e comodidades da vida; o comércio não só promove a permuta do excedente das produções de que carecia o consumo de cada individuo, como deu origem a livrarias depois muitos delles, exclusivamente dedicados a serem os agentes da compra e venda dos objectos que produzidas em grande ou pequena escala por alguns, eram precisos no consumo de muitos. O comércio ainda também contribuiu para a fusão das industrias convivendo a que muitos individuos ocupando-se com o mesmo mister se associassem, combinando seus esforços para fazerem auxiliar a perfeição das suas produções. Por este modo não unicamente pequenos distritos, porém mesmo províncias e reinos inteiros se entregaram privativamente a certos gêneros de trabalhos e artefactos

adequados a natureza de seu solo, criando-se assim o que se pode denominar a divisão territorial do trabalho, a qual contribui muito mais do que qualquer outro elemento de progresso, para aumentar a riqueza social e acelerar a civilização do gênero humano.

Por intermédio dos actos commerciales igualmente não se os povos são supridos de tudo quanto pode constituir o conforto, o luxo e os prazeres da vida doméstica e de sociedade, como que também elles fazem por um preço muito mais modesto do que elles seria possível conseguirem senão houvesse a concorrência dos mercados e a barateza da mão de obra quando feita em certos países em que a magnitude do preço dos demais objectos compensa aquela barateza. O comércio em suma, unicamente considerado sob o precedente aspecto, opera azen de duas diversas maneiras, que parecem opostas, pois que dando valor aos gêneros promove a riqueza, no entanto que ao mesmo tempo por um jogarredo de combinações favorece as classes pobres, encorrendo-lhes o gosto de commodities, que, se elle não for, raras vezes, ou nunca, traria, embora não obstante elles não possam constituir-se um pecúlio de reserva se não mediante severas economias, porém como muitas vezes em virtude da ação do comércio se lhes proporciona pelo seu trabalho inúmeras ocasiões de ganhar, igualmente lhes resulta de empregar em comodos o fruto de seu suor.

Sera afastar-me de meu principal objecto se querendo historiar a ação do comércio na sociedade me remontasse a sua existencia nos tempos antigos e nos primitivos da infância dos povos, na antiquidade, como é sabido, os Phœnicians fornendo de Tyre o maior emporio comercial do mundo civilizado e antigo com mercadorias um renome por suas espécies arriscadas e pelas riquezas que acumulavam que chegaram ate' nossos dias como objecto sempre digno de comemorar-se. As causas que destruíram este povo, as que igualmente contribuiram para que o comércio entre os povos antigos mais alaudados do continente Europeu, quasi os Gregos e Romanos, não fôrmasse maior desenvolvimento, não continuasse as que igualmente não permitirão que elle entre as nações do oriente mesmo as mais industriais e laboriosas desde as idades remotas ate' a actualidade finalmente sua acanhada influencia ainda, como elemento civilizador depois da idade media, ja quando o cristianismo purificando numerosas nações tinha consagrado como dogma no código evangelico a grandeza moral do homem e sua igualdade e fraternidade, seriam matérias de muitas considerações ora alheias ao meu objecto; por conseguinte bastar-me-ha dizer que dando-se as mãos entre as sociedades modernas, pelo influxo regenerador da religião christã, muitos outros elementos constitutivos do mundo social para operarem a sua reforma perfectibilizadora, a instituição de uma classe mercantil tornou-se desde então completamente um dos mais poderosos motores promovendo semelhante fim.

Esta classe por sua intervenção não só deixa aos produtores uma grande quantidade de tempo disponivel para se dedicar a seus mestres, porque sahem que acharam agentes que dão a importância e prompta saída aos seus artefactos e mais objectos de sua competência, como que elle fornecerão os recursos necessários para que de momento se surtão de matérias primas, em suma, de tudo quanto carecem para suas produções e se livrarem de embargos devidos a circunstâncias fortuitas e imprevistas. Pode-se afirmar, que, considerando os elementos que constituem actualmente a civilização da sociedade moderna, se podesse admitir que o elemento mercantil pudesse deixar de funcionar, todas as artérias da industria ficariam paralisadas e a final seriam destruidas. Numerosissimas seriam as dificuldades que obstarão as permulas, a sociedade seria arruinada sem appellação ao pribilho estado de barbarismo, e de ignorância. Deveria, porque o elemento mercantil produz sobre

tudo como um dos seus mais úteis benefícios a divisão do trabalho tão necessário na sociedade moderna em que seus membros quasi todos se achão compenetrados do direito que tem a fruição dos bens terrestres. Com efeito considerada sobre todas as suas faces, ser-nos-ha patente que ella não só promove o bem-estar dos individuos como que cria laços de uniao e de ordem pelas reciprocas dependências em que um se coloca em relação aos outros, coligindo-se mutuamente nos mistérios da vida.

Da divisão do trabalho resulta a distinção dos empregos e das profissões. As artes, as mesmas sciencias, maias e outras, quasi sempre fruto da concentração da attenção individual sobre um gênero qualquer de objectos e de meditationes a respeito, deixarião de existir se não se subordinasse o trabalho entre os homens, mas sem o comércio pela gerencia de agentes mercantis aquella divisão não somente seria irregularissima, porém ate' constantemente se tornaria impossivel. Em suma o comércio exercido pela actividade de homens e de corporações exclusivamente dedicados a prehenderem completamente sua missão ainda faz mais pro fundo quasi que milagrosos resultados, porque promovendo a divisão do trabalho, ao mesmo tempo contribue para que combinando-se os esforços de muitos individuos disso se obtenha que o homem da civilização pareça quasi que dotado de omnipotentes recursos, creando como por encanto esses maravilhosos inventos e monumentaes obras que apimentando a industria dos povos modernos assemelham as criações das passadas idades pelo colossal da fabrica e a alta utilidade humanitariana de sua construcção.

Porem para que o comércio possa produzir, senão o maximo ao menos uma somma avultada de seus beneficos effets, a circulação dos capitais, a riqueza nacional, o aumento das rendas publicas, e portanto a potencia relativa de um estado que se mediante seu impulso se poderá erguer a um gran de splendor estavel garantindo a ventura de uma nação no gosto de commodities inferiores ao estado social pela maior parte de seus membros, necessário é que elle seja dirigido, regendo-se por uma maneira esclarecida abrangendo simultaneamente toda a plenitude de suas funções congregando para um fim comum os esforços isolados de todas as suas necessarias ramificações anastomosando-as em um tronco unico de que devem receber a seiva nutritiva e a que devem levar em retorno tambem seus sucos especiais.

Foi justamente esse desideratum que nunca se comprehendeu ou que pelo menos devido a uma infinitude de obstaculos que se poderão enumerar nunca foi satisfeito no Brasil: sera pois a explicação desse facto um objecto que nos é necessário tambem elucidar para se poder bem e devidamente avaliar o merecimento e o mérito mercantil de um homem, que, como o Sr. Barão de Mauá, parece com efeito ter assumido o pensamento grandiosa de solver na sua pátria um tão complicado problema. Complicado na verdade, porque bem sabido é que, todos os economistas são unisonos em dizer, que nenhum ramo da industria humana exige mais aturado esforço e maior aprofundamento de seus elementos e de seus principios como o comércio, principalmente na parte relativa a seus effets com a qual é agora a nossa questão.

Cumpre pois a quem quiser formar uma ideia perfeita a respeito de semelhante objecto encarando-o sob o aspecto com que o envergue, cumprir ainda que benignamente, dar attenção ao que ainda tenho a expender a fim de conseguir fazer compenetrar os animos da veracidade de minhas asserções.

Primeiro que tudo tenho a dizer, que são sumamente nefandosas as considerações que von passar em resenda, porque algumas irão ferir de face questões de economia-politica ja hoje passadas em julgado como matéria incontroversa; mas atendendo-se a que essa sciencia embora de tanta utilidade pratica sofre a cerca da exactidão de suas demonstrações e assertos os mesmos embaraços

de applicação que encontrão quasi todas as demais sciencias experimentaes; como, que, se não devem maravilhar os entendedores de boa fé, reparando que da exposição de doutrinas já aventadas por diversos economistas antolhando-as, sob aspecto diferente do que elles o fizerão, ora delas dire conclusões contrárias as suas.

Affirmei e sustento que a aliança do commerce exterior com o commerce interior, em um paiz qualquer, maxime quando esse paiz acha em seu seio imensos recursos para fornecer à industria os necessarios elementos de sua vasta plenitude; affirmei que era a condição positiva não só da sua crescente prosperidade, mas da consolidação de um futuro estavel para a conservação da riqueza publica e particular; pois que sem esse elemento ella poderia ter a existencia deslumbrante porem ephemera que muitos factos na historia comercial das nações nos podem asseverar: dos quaes alguns depois mencionarei. Antes porém de ocupar-me com os detalhes da maneira porque julgo que o Sr. Barão de Maua comprehendeu e vai satisfazendo essa exigencia no Brazil, onde infelizmente materia de tanta monta tinha sido deixada a cargo das fatalidades do accaso ou para melhor dizer entregue à especulação de quem com mais experiência e estudo da materia buscou disso tirar o partido que poude: antes de chamar a atenção sobre esse topico da questão, vou procurar meios de exhibir provas conducentes a confirmar a primeira parte do que asseverei.

Celebre Economista de criterio sumamente conceituado, tendo por conseguinte adquirido por isso o jus de autoridades na materia: Economista deste juez, e verdade que disserão, que o commerce exterior era o ponto culminante da industria commercial, da qual é o princípio o mais activo. Segundo Bacon, o commerce exterior é quem constitui a principal riqueza dos estados. Quando o commerce exterior cessa, a riqueza experimenta uma notável alteração assim como sensivel mingoa. Não é aqui o enseja de acumular cotações, que muitas mais se poderiam apresentar: por isso terminarei dizendo que, em resumo os partidários do exclusivismo em tal opinião sustentando que o commerce exterior é manancial inexaurivel de riquezas, dizem que é um preconceito não talvez ainda inteiramente dessarreigado, o crer-se que o commerce interior é mais vantajoso a uma nação de que o é o commerce exterior.

Não contestarei: e quasi que é hoje impossivel contestar-se a utilidade do commerce exterior, embora algumas ponderações já tenham também sido allegadas para semelhante fin, mas tornando a questão no sentido que julgo deve ser a sua genuina applicação, dizendo com Say que, a circunstancia de um commerce exterior é muito propria a vivificar a industria interior de um paiz, não obstante a asseveração de M. Say, cercearei a parte que elle ajunta a semelhantes palavras, qual a das expressões de: « — *que quer que seja seu meio* — pois que sendo um facto hoje plenamente justificado que o commerce é *ativo ou passivo* para uma nação: » ou conforme ella faz por si mesma o jogo mercantil dos productos, tanto os de seu solo e de sua industria, como o dos que tem necessidade de importar dos paizes estrangeiros: ou então conforme ella apoiando-se sobre a actividade de um povo estranho, lhe abandona o cuidado daquella tarefa com prejuizo infalivel por certo de sua riqueza e de sua prosperidade, como por exemplo sucedeu a Portugal, a Espanha, a uma grande parte da Italia e da Alemanha; a Turquia, a Russia, etc., etc., e a nós tem succedito por causas que depois indicarei: e isto em proveito da Inglaterra, da Hollanda, da mesma França e ate um certo ponto de alguns paizes do Baltic, a Suecia, a Dinamarca. Por conseguinte embora muito vantajoso seja e ató segundo meu ver mesmo de extrema necessidade um commerce estrangeiro, me persuado que elle deve ser admittido mediante certos limites e condições, que não devem é verdade provar de maneira alguma de

medidas restritivas, diminuadas dos poderes de um estado, nem também de uma oposição mal entendida e absurda da parte dos habitantes do paiz importador; porque no primeiro caso, seria querer prevenir um mal pela imposição de outro maior, e no segundo, afugentar a riqueza paralyzando a sua circulação e afastar o mais poderoso elemento civilizador, qual o contacto constante dos diversos povos da terra em seu curso necessário, porque de certo, como muito bem disse um abalizado Economista: a verdadeira utilidade do commerce exterior, aquella em comparação da qual todas as mais nada valem, é o estabelecer entre as diferentes nações, as mesmas relações que o commerce interior estabelece entre as diferentes partes da mesma nação, isto é, para assim dizer, estabelecer um estado de sociabilidade entre todas, engrandecendo assim a extensão do mercado para todas ellas, e por esse meio augmentar ainda as vantagens do commerce interior de cada una. »

O meio de se conseguir que o commerce exterior preste toda a somma dos benefícios de que elle é susceptivel, consiste portanto em fazer que elle seja o apoio, o alimento por algum modo do commerce interior. Merece o commerce interior uma protecção especial, posto que elle contribue poderosamente para dar a industria o mais amplio desenvolvimento em todos os seus ramos. A sua introdução e os seus progressos, são uma necessidade primativa precedendo a do outro, em todos os estados que as privações de emancipar-se de tutela estranha e de constituir-se um dia nas circunstancias de poder exercer o commerce activo, sem o que elles jamais atingirão o auge da grandeza social e de uma posição estavel e conservadora.

Por mingoas desse prediçao, Genova, Venezuela, Portugal, a Espanha, e a Hollanda, embora mesmo alguns desses paizes tivessem exercido um commerce activo, no entanto tendo-se quasi que exclusivamente entregado ao commerce estrangeiro, que fizero em vasta escala, por mingoas daquelle prediçao, teve lugar a sua decadencia, restando a algumas de um grande desenvolvimento de forças marítimas e de um apparato faustoso de extensas riquezas quasi que a miseria. Pode ser que se alegue que não foi só devido a essa causa, que outras mais poderosas contribuirão para isso, mas estude-se a historia da Grã Bretanha, e compare-se-a com a da França contemporanea, e me persuado que a conclusão será reconhecer-se, que o commerce d'ultra mar teria arruinado a Inglaterra, se os recursos do interior não tivessem contrabalegado os prejuizos provenientes de muitas e sucessivas catastrofes que derão origem a guerras dispendiosas, a inumeros perigos, finalmente a essa espantosa dívida publica e a continuos embargos financeiros, que, nãimás vezes unicamente lhe tem sido possível solvel-los, mediante aqueles recursos do interior e os fornecidos por suas numerosas colonias as quaes completamente participam de identica natureza. Pelo contrario a França, mesmo privada de suas colonias, e no momento em que o conflito de ruinosas e prolongadas guerras parecia que vedando-lhe toda a actividade de alheia lavra lhe devia esgotar suas forças vitais, longe disso, sistema continental o fez com que ella tirando partido do que parecia ser uma calamidade promovesse a creação de uma vasta industria, lancasse por toda a parte os alveeres de um animado commerce interior e por meio delle conseguisse a acumulação dessas riquezas, que, desde o tempo do primeiro imperio ate a actualidade se tem ido amontoando nas suas cidades centraes. O mar lhe tinha negado seus recursos, porém desde então, Paris, Lyon, Nantes, Rouen deverão ao commerce interior uma influencia que nunca mais perderão, embora de novo se reanimasse a ação do commerce marítimo, pois que esse nunca mais deu, por exemplo a Bordeaux e Marselha, uma preeminencia mercantil sobre aquellas cidades centraes, sendo hoje sabido que o estado de florescimento que tem Bordeaux e Marselha é menos devido a sua vizinhança do mar, do que a

serem os empórios centrais do commercio nacional, sobre o Oceano e o Mediterrâneo.

Toda essa grandeza colossal da França, toda essa prosperidade nas riquezas publicas e nas rendas do estado que assembrão o mundo, pela profissão com que se manifesta, avista desse emprestimo monstruo que acaba de contrair o seu governo ao qual admiram os capitais como que se por magia se fosse a terra com a varinha de condão das fadas; avista das obras gigantescas que se emprehendem principalmente em Paris, de onde milhares de proletários tirão o pão quotidiano; tudo isso creio que é mais que suficiente para demonstrar que a França muito mais reduzido do que a Inglaterra a alimentar-se com os recursos de seu commerce interior, nelles achou enretanto uma fonte de rabelas, sobrepujando em exuberancia os que a Grã Bretanha não acha, tendo a seu dispôr um muito mais amplo commerce exterior e numerosissimas colônias; pois que apesar de tudo isso, feito o paralelo, se bastaria olhar para esse cancro terrível que corre seu corpo social, o pauperismo em tão grande escala, para que se veja, mesmo ainda metendo em conta outras coisas, se no entanto o que parecia ter sido uma origem de males não foi pelo contrario senão o manancial de todos os bens da França contemporanea!!

A sentença economista, de que o commerce interior não assume extensão ou actividade se não a proporção do commerce exterior, a qual passava quasi como um axioma em economia-politica, quasi que igualmente se pode dizer, tendo-se em vista o estado actual da França, que acho missa um desmentido. Com efeito isto não padecera dúvida se dermos absoluto credito ao que mesmo nos diz um escriptor francês, nesse evoço, que derido a habilidade de certas nações manufatureiras, que se tem sabido aprovar de essayos farowares para manterem direitos a uma protecção privativa na maior parte dos mercados do universo, a que circunstancias posturas conservão ainda no estado de um commerce passivo, tem sido impossivel a França ahí sustentar com vantagens a concorrência e a rivalidade.

Como ja fiz sentir não levarei tão longe a exigencia, muito principalmente tratando-se de um paiz como o Brasil, em uma posição ainda inequivocavelmente excepcional, atendendo-se a sua escasez de população e capitais; mas continuando a preconisar as grandes e manifestas utilidades do commerce interior prossegirei dizendo, que, elle goza sempre de uma maior independencia em relação a qualquer outra, bastando a protecção de um governo esclarecido no paiz a que pertence, quando esse governo calcula bem os seus proprios interesses; ou mesmo quando imprudente gasta com profliguidade as rendas do estado e carece para resarcir seus defeitos de criar impostos e pedir empréstimos, porque uns e outros só se alimentam com os recursos do mesmo paiz, quer elle exporte ou quer elle importe, visto que sempre a importação depende no seu credito das garantias que elle dão os valores exportados. Os lucros do commerce interior não são tão sujeitos a desastres imprevistos, nem a interrupções duráveis que uns e outros acarretam consigo as guerras, as avarias, as fardadas, as exações das alfandegas em paizes estrangeiros; os naufrágios, as polémicas com os seguros pelas dificuldades com que lutão as provas dos sinistros; finalmente, obstaculos que vem as vezes contrariar a empresa mais bem disposta, o calente mais rigoroso e o melhor combinado, o que motiva que um fatal prejuizo arraste uma fallencia em lugar do ganho antolhado. No commerce exterior põem-se fazer fortunas rápidas, lucrando muito com uma unica especulação, mas ali as alternativas são mais arriscadas, e por conseguinte com uma só perda tambem pôde precipitar-se para sempre no abysmo da insolvença o malfadado espediuador: exemplos disto, e muitos desgraçadamente tivemos nós sobre tudo na epocha do frenesi do tráfico africano. No commerce interior o facto que

são as fortunas mais difíceis de adquirir, mas por isso mesmo se tornam mais seguras, eslavas e ricas; são sempre menores as perdas e mais suscetíveis de previsões os assares; por conseguinte mais fáceis de se evitarem. Intelligencia, economia e civilidade são os preceitos do comércio interior, e questiões requeridas em quem o exerce: para o exterior exige-se mais o ânimo do jogador, ou antes o impeto dessas paixões frenéticas que instigam a homens a sacrificar as eventualidades do acaso, t'uma carta ou em mar dado o seu presente e o seu futuro; pois que o comércio exterior estándo a mercos de todos os países, donde a fortuna o chama, sujeita-se constantemente aos caprichos de sua inconstância.

Muitas más considerações poderia exhibir para abonar as conveniências que em summo grau resultam para um país, de nello proteger-se e animar-se o mais possível a criação de muitos mercados interiores. Nos Estados Unidos, entre esse povo eminentemente laborioso a quem o trabalho de todos os gêneros tem feito conseguir progressos rápidos e gigantescos em tão poucos anos na senda da civilização; foi ainda há bem pouco tempo objecto de um dos principais tópicos da mensagem ao Congresso, feita por um dos presidentes da União, "o recomendar com intimativa aquelle objecto como uma das necessidades mais urgentes a satisfazerem-se, e uma das matérias mais dignas da atenção e da solicitude do governo. Basão tinha-se nos Estados Unidos para semelhante causa mercer toda a conscrição, pois que tendo-se ali, por exemplo, desenhado ate 1797 o comércio interior dos estoques de algodão, dessa época para tendo-se no país manufacturado os algodões comprados em rama, nisso só acharão os Americanos um lucro de sete vezes o seu valor, e já em 1809 esse comércio tornado interior consumiu 110 milhares de libras de algodão dando que fazer a imensos operários e incessantes lucros a uma infinitade de mercadores. Mais factos poderia ainda citar, porém os limites em que de necessidade me tenho de circunscorrer, o inhibem; por conseguinte concluir-ei o que tenho a dizer sobre o tópico em questão, ponderando que é principalmente a unidade do comércio, a coadjuvação reciproca do comércio interior prestada ao exterior, e vice versa, o que constituem a sua grandeza e prosperidade, e promovem todos os benefícios que lhes são inherentes. Bisto resulta que um e outro devem ser indivisíveis, que devem existir entre ambos laços e relações muito íntimas, porém tendo-se sempre em vista que é sempre necessário, que de alguma sorte é miser que o comércio interior tenha feito progressos antes que a invasão do exterior tenha lugar; este não deve superar qualquer povo senão na parte em que lhe escassearem as próprias produções, mas sobre tudo não deve principiar a exercer a sua ação, a ser possível, senão quando todas as indústrias locaes estejam completamente desenvolvidas e todos os recursos de um país aproveitados e protegidos, para se poder, fazer face sem exaurimento de forças as exigências dos mercados externos.

O comércio interior é também além do mais, sempre um poderoso meio de moralidade, porque ele coopera mais directamente para o bem estar geral de uma nação; visto que emprega um maior número de indivíduos; aumenta a divisão do trabalho, e não arrebata a pátria e ao amor da família o lar doméstico tanto os homens; dando-lhes por conseguinte mais apelo às virtudes sociais e às instituições de seu país. Outro sim as vantagens do comércio interior, tanto mais devem ser atendidas quanto as do comércio exterior ameaçam ser desastrosas. No entanto a divisão extremas das propriedades, consequência necessária de propriedade das idéias democráticas que cada vez invadem o mundo, e entre tão mundo mais está a exigência das vincentes nação das mercadorias; o resultado devem ser o aumento da produção em todos os gêneros de indústria, e que aí é funda-

ao trabalho e consequência necessária do amor da propriedade, do desejo e incentivo da função das comunidades e do luxo. Por toda a parte portanto cada país produzindo tudo quanto couber nos limites de suas forças materiais e naturais, recusará receber os produtos idênticos vindos de países estrangeiros, almejando ao contrário achar mercados para os seus, enunciando talvez que ainda se de a época em que quasi todas as nações concorrem a flux com toda a espécie de artefactos de lavra própria, e milhares reciprocamente de se empregar uns a custa das outras. Os lucros tirados da exportação diminuirão de certo sensivelmente; mas também os havidos pelas transações das gêneros i., portados, logo que esses não forem de primeira necessidade sofrerão muito maior desfalcque; isto sem dúvida, trará consigo uma paralisação para as grandes especulações, evitara que se facam fortunas colossais, porém contribuirá para que elas se repartam entre um maior número de indivíduos, e se mantenha mais solidamente a ordem e o equilíbrio social.

Como todavia, muito longe ao que parece, deve estar ainda mais semelhante época, e que não deixa de ser verdade por agora, relativamente a maior parte dos países que se não acham collocados nas felizes circumstâncias da França, dispõendo de solo, de braços e de innumeros recursos em todas as cossas a desfrutar; como não deixa pois de ser verdade que o comércio interior por maior extensão que possa ter, tem sempre por limites os que demandam os de cada nacionalidade, no entanto que o exterior não tem outros senão os do mundo; que elle é ainda a grande alavanca das riquezas públicas e das rendas dos estados entre todos os povos importadores; que elle excita e convoca os homens a produzirem o superlumo a que a exportação da o valor do necessário entre as nações estrangeiras; forçando assim todos os países a uma producção superabundante, e promovendo por intermedio de contínuos cambios a circulação de immensos capitais que sem embargo dos obstáculos do tempo e do espaço, arremessa por intermedio d'um jogo mágico de palavras escritas, em todas as praias do globo, tendo hoje a sua disposição, além da força expansiva do vapor a velocidade fulminante do telegrapho electrico; outro sim estabelecendo as relações dos povos uns com os outros, engrandecendo com isso cada vez mais a ordem social; entendendo por este modo o movimento perfectibilizador por ações e reacções mutuas que alargão o círculo das idéias, amplia as concessões do direito das gentes, liberalizando as instituições sociais; pois que assim como o comércio interior é um grande motor de moralidade, o comércio exterior o é de civilização; por isto tudo, não só os governos devem dar a ambos os commercios uma igual protecção como que os indivíduos a quem a fortuna e o talento deu os meios de poderem fazer com que um e outro prosperem colligindo-os, e favorecendo suas reciprocas dependências sob o ponto de vista em que acabo de considerar-los, para que de sua aliança possa prover a ventura de uma nação; esses indivíduos se livrem o amor real de seu país não devem pais despresar enses de fazer com que semelhante aliança tenha lugar; com ella conseguirei vivificar e engrandecer tudo o mais; seus laços, suas relações íntimas mutuamente se fortificam; destruí-las ou desenlace-las, não coadjuvar-las nestas circumstâncias seria pois adulterar a natureza do comércio, enfraquecer a sua potência, portanto exaurir a origem da indústria e da riqueza das nações.

Consciente da necessidade absoluta de se satisfazer portando semelhante exigência, passarei agora a ocupar-me com a descrição dos factos que irão ver-las, que, no Brasil — negligencia houve muitos passado semelhante extensão; que finda ficou entre mim no desenho da tal objecto em questão de tanta importância a qual julgo que o Sr. Bacchini de Mauá deu o devido valor conforme disse:

"...em que o comércio é um valor de vales refer-

entes a época em que elle iniciou sua existência ate mesmo a actualidade; poder-se-ia apontar, quer por efeitos de uma protecção, e legislação administrativa adequada, quer pela ação intelligente unitaria do nosso corpo comercial, poder-se-ia apontar a existência de um sistema mercantil methodicamente organizado, e de acordo em sua práctica com principios científicos e teóricos esclarecidos pela experiência e sancionadas pela adhesão dos factos? por sem dúvida, creio que não.

Consultemos o passado e analyse-se depois o presente para interrogar um e outro a tal respeito, pois que assim é miser, para que se não diga, que de leve se julgue as cossas e os homens; e se inventarão adrede necessidades e circumstâncias para tributar encomias a alguns delles offendendo a susceptibilidade de outros, embora não com o intuito de irrogar censuras pessoais, de que espero nenhun me accusara, pois contra tal acusação desde ja protesto.

*Continua.*

LUZ ANTONIO DE CASTRO.

#### Inauguração do Imperial caminho de ferro de Petrópolis.

Bem que o facto da inauguração do caminho de ferro de Petrópolis já se tivesse realizado ha algum tempo, reproduzimos de propósito este artigo traduzido do — *The Illustrated London News*, — por que não nos podemos subtrair ao prazer de ver que merecendo estrangeiro seria alentador progressos do nosso paiz; e julgando que de mesmo modo oportaria os nossos leitores, passamos a apresentar a descrição da mencionada inauguração.

Foi a 29 de agosto de 1852 que S. M. o Imperador do Brasil traçou sobre o chão de seu paiz o sul por onde devia trilhar o primeiro caminho de ferro construído em seus domínios. Já destas interessantes notícias demos conta no nosso jornal de 6 de novembro do mesmo anno; cabe-nos agora relatar o complemento da obra então projectada. Esta apenas concluída a parte da estrada, que vai do povo de Mauá, em frente da baía do Rio de Janeiro, à base da cordilheira de montanhas, que correm paralellas a costa, devendo continuar ate o Rio Parahyba, e finalmente até S. Francisco a realização de tão gigantesca empreza, de tantas e tão bem fundadas esperanças para o paiz.

A inauguração deste caminho de ferro, que tanto promete para o futuro, teve lugar a 30 de abril com as cerimônias e solemnidades, que a importância de semelhante facto reclama.

As tendências progressistas, e o apreço que os brasileiros ligam a toda a sorte de melhoramentos materiais fizeram nesta occasião altamente manifestados; e agora que por si mesmos testemunharão as vantagens das vias ferradas, aproveitarão fervorosamente os recursos, que promete a vasta extensão dos ferries terrenos de seu paiz, abrindo absolutamente desaproveitados.

Logo pela manhã todo partiu da cidade do Rio de Janeiro barcos de vapor, e fábulas carregadas de curiosos passageiros, que anteciosamente haviam chegado a Mauá antes da chegada de SS. MM. II. e a Corte.

A hora marcada atraeu o vapor que conduzia SS. MM.; uma girandola animou o seu desembarque; bandeiras de diversas nações flutuavam nos ares; estrondosas salutárias faziam-se ouvir de mistura com os acordes de uma música marcial. Duas longas alas de pessoas notáveis do império, ilhavam-se posto lo no pôde, almejando, como prova de homenagem, levar as angustias maiss de SS. MM. II., na occasião de possarem.

SS. MM. foram recebidos pela diretoria do caminho de ferro, e conduzidos logo depois no largo, que lhes estava destinado. Uma das grandes casas de ferro havia sido preparada com galerias para a comoda os espectadores, ficando no centro isolados os thronos do Imperador e da Imperatriz, e expelida a esquerda a árvore que serviu de celebração,

e finalmente os lugares para os ministros d'estado, e corpo diplomático.

Quando os Augustos visitantes tomarão o lugar que lhes tinha sido reservado, começará o ceremonial da benção das locomotivas executado pelo Bispo, e Clero, ao som de uma música solemne e apropriada ao acto.

As locomotivas, que tinham estado à espera na estação, partirão cedo, uma como guia, a cargo de Mr. E. B. Webb, engenheiro da companhia; outra guiada por Mr. William Bragge, engenheiro em chefe, puxava um trem de carruagens, uma das quais tinha sido sumptuosamente ornada para a Família Imperial, e para os ministros.

O Imperador e a Imperatriz foram conduzidos aos seus carros pelo Sr. Ireneo Evangelista de Sousa, criador e presidente da companhia dos estradas de ferro: as outras carruagens ocupadas por numerosos convidados partirão por entre estrondosos — Vivas — de uma multidão attonita e cheia ao mesmo tempo de entusiasmo. Seguirão terceiro carro, a cargo de Mr. Charles Bolle, que foi o construtor do telegrapho eléctrico deste caminho de

ferro. Piquetes de guarda nacional estavão dispostos com intervalos regulares ao longo da linha; e todas as eminentes apinhadas de espectadores.

A chegada do trem no Fragoso foi saudada com uma girandola: SS. MM. e a sua comitiva aparecerão-se, e tomarão alguns refrescos; voltando logo depois da mesma maneira para Mauá, caminhando trem em algumas distâncias na razão de 35 milhas por hora.

O Imperador e a Imperatriz tendo-se apeado manifestaram expressamente a viva satisfação de que se achavam penetrados, e a agradável impressão que lhes causara o novo meio de viajar.

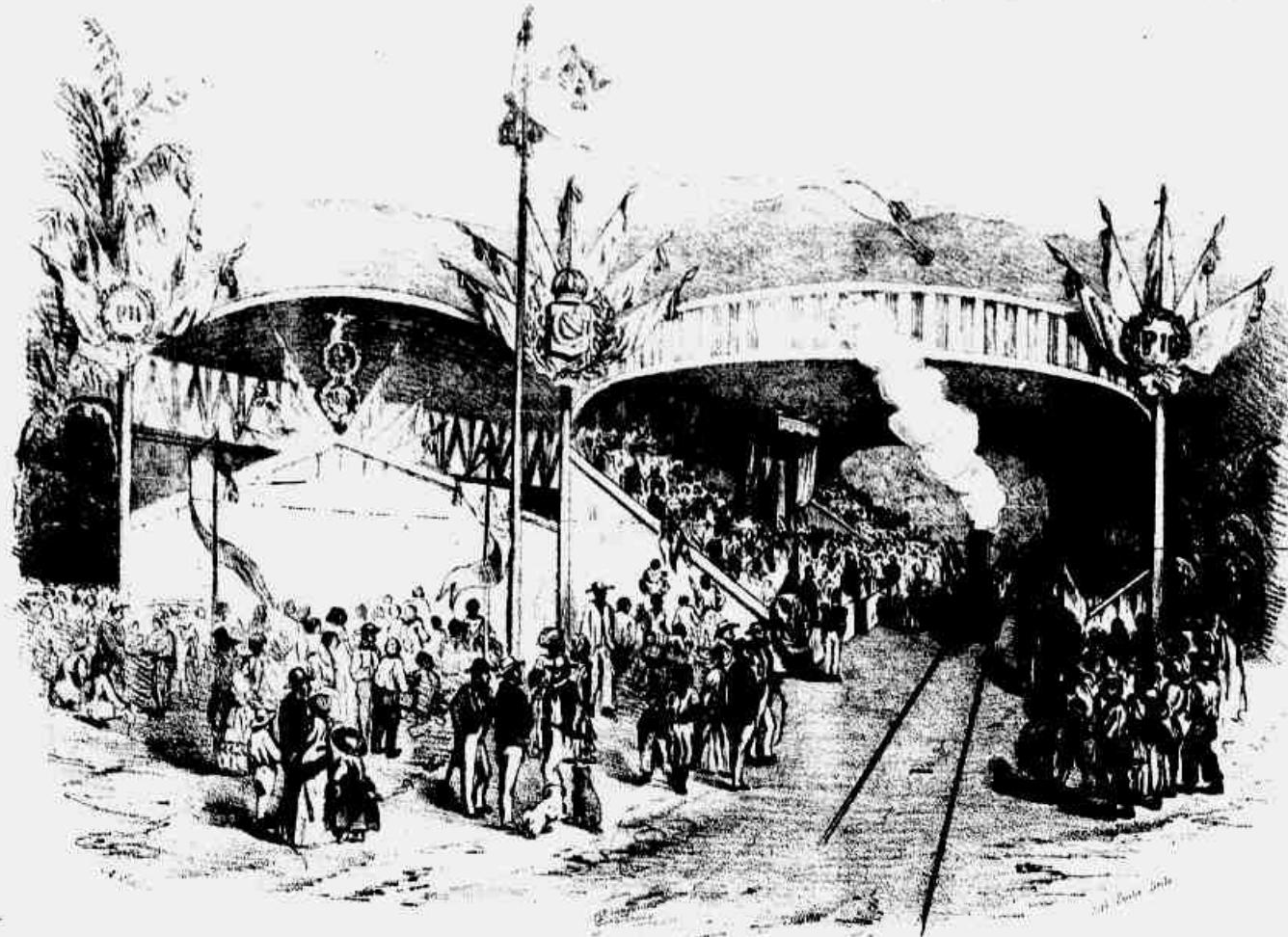
O emprezario do caminho de ferro dirigiu-se então à S. M. o Imperador, e discorreu eloquentemente sobre as vantagens que as estradas de ferro trarão ao Império, acrescentando: — Este caminhos de ferro, Senhor, não será destinado a circunscrever-se dentro dos actuais limites; e se me é lícito contar com a protecção de V. M. Imperial, elle certamente não terminará sem que a sua mais vasta Estação seja collocada na margem esquerda do Rio das Velhas. Ali se acumularão,

para serem transportadas ao mercado do Rio, essas imensas massas de produção, com que contribuirá para a prosperidade pública o país banhado por essa importante arteria fluvial do Rio de S. Francisco. Será então, Senhor, que a magestosa baía, cujas águas banham as costas da capital do Império, vera seus espaços e abrigados ancoradouros cobertos de innumereáveis navios. Então, Senhor, será o Rio de Janeiro o centro do comércio, da indústria, da saúde, da civilização, e da força, nada tendo que invejar à lugar algum do mundo. —

S. M. dignou-se responder: — Os Directores da Imperial Estrada de Ferro de Petrópolis, e da companhia de Navegação a Vapor podem ficar certos de que outro não compartilho menor regozijo no começo de uma empreza que tem de animar tão grandemente o comércio, as artes, e a indústria deste império. —

O Imperador conferiu nesta occasião ao Sr. Ireneo Evangelista de Sousa o título de barão de Mauá, em reconhecimento dos serviços prestados à sua pátria.

Acompanhado pelo Sr. barão de Mauá, e pelo



engenheiro em chefe, Mr. Bragge, S. M. inspecionou cedo as obras da linha, e examinou com minuciosa atenção a construção das locomotivas.

Uma divisão da estação tinha sido decorada, e preparada para um banquete, em que o Imperador e sua comitiva, assim como os cidadãos mais grandes, deviam tomar parte; entretanto outros trens partiram para entretenimento dos espectadores.

Quando reflectirmos que as obras deste caminho de ferro foram executadas no curto espaço de vinte meses, debaixo dos ardentes raios de um sol tropical, e a tão grande distância de Inglaterra, não podemos negar louvores àquelas que se engajaram para semelhante obra. Felicitamos sinceramente aos Brasileiros pelo nobre espírito que desen-

volverão no começo desta empreza nacional de tanta magnitude.

Mr. Bragge foi condecorado por S. M. o Imperador com o título de Cavaleiro da ordem da Rosa. —

L. O. LOPES PIMENTA.

## POESIAS.

### Lagrimas sentidas.

Dorme.....  
Sonho fallaz da timida esperança  
Não interrompa seu dormir profundo.  
DR. OCTAVIANO.

Fundi no horne das trevas desta vida  
Minha polida estrela de ventura,

— O único pharol que me guia  
Baqueou do horizonte à sepultura.

Ali que magica luz perdeu minha alma!  
— Neste exílio de amor abandonado  
Tão moço o coração desfaleceu-me...  
Quanto... quanto por isto eu hei chorado...  
...

Si este pranto de fogo em que eu me extingo  
Podesse-lhe banhar o frío leito,  
Talvez a remissasse... e sob a lousa  
Ainda palpitassem o ardente peito.

Na ultima morada em que descanso  
Minha alma evocando lida a procura,  
Mas nos braços da morte só encontro  
Um cadáver: meu Deus! que desventura!

Vida é morta... no valle das dedutas  
Mesa velha, ajo, palheiros amassados;  
O passo é da morte, abrindo as alas  
Cora o pé do sepulcro à fúnebre...;

Aí se dia possa a um velho pôr.  
Enfado e desfalecimento...  
Das vozes a sua voz que quer dizer...  
A morte, a justa causa de morte.

Se em poesia encontra li aqui morte,  
O qual é que encerra sua vida...  
Mas a morte, também em esse esperança,  
E o mundo para sempre é a perdida.

E. J. BITTENCOURT DA SILVA.

## BELLAS ARTES.

### Architecture officiel.

L'architecture est un art de création, de sentiment et de chose, ou chaque idée de l'artiste vient prendre un corps, et se peinde dans la forme que prennent les divers matériaux arrangez avec. Pa dire ou la pompe qu'il leur prescrit, afin de nous étonner par un magique ensemble. — L. D. em 1832.

A arquitectura que, como se sabe, nasceu da necessidade que tinha os homens, constituidos em família e sociedade, de se abrigarem do rigor das estâncias, de sol e das tempestades, apareceram simples norenas imponentes e grandes, como a natureza que elas trouxe. Alguns annos depois os conhecimentos que aqueles nascidos multiplicavam-se crescendo com uma rapidez eletrica, fizeram aperfeçoar os projectos esses, embellezando as novas edificações que produziam de modo a encantar os olhos e o espírito, porque esses humanos archetypos conseguem impressões excepções, quasi phenomenos, para aqueles tempos e symbolos de animar para a de Egipto e enluminarão publicamente essas massas gigantescas, delinhando com pomposa magnificencia as ordens que desde modo embelezavam o estribocer.

E assim devia ser; porque o aperfeiçoamento geral de todos os ramos de ciencias e artes a que entram se deve, os homens de estudo não podiam dedicar estacionamento para a arquitectura, que nesse tempo principava a mostar suas maias arcadas e colunas, suas muralhas e torres com que já elas se dispunha a narrar os heróis e os dos céus e heróis de todos os países, não podia certamente estacionar-se para esta sublime arte que devia mais tarde produzir o templo de Minerva, os Propyléos, o Nere, o templo de Jupiter Olympico, de Palmira, de Vesta, o Pantheon, S. Pedro, Val de Grace, Santa Genoveva, S. Paulo, etc., fazendo surgir conjuntamente aos olhos do mundo, que também começava a aparecer homens notáveis como Phidias, Bajachios, Vitruvio, Callimaco, Alberli, Bramante, Lestano, Serlio, Baromini, Palladio, Vignola, Scamozzi, e tantos outros como estes, poetas e criadores de pensamentos que ainda hoje através de séculos nos vem falar do passado patenteando-nos a crença, a fé, os dogmas desses tempos de entusiasmo e fogo em que só o coração servia de bussola para guiar o sabio ao caminho da verdadeira glória, — a posteridade...;

A necessidade pais somente creou a arte, e ainda as necessidades de cada povo obrigarão os arquitectos a adaptar a arte aos costumes e preciosas essências de cada sociedade, criando-a segundo a natureza e o clima em que viviam, dobrando-a de modo a satisfazer essas necessidades geraes da materia e do espírito; e foi por isso só que cada nacionalidade creou o seu tipo original, o genero e o gosto que lhe era peculiar.

A arquitectura Chineza, a Arabe, a Indiana ou Turca, a Grega, a Romana, etc., confirmam de um modo assas eloquente o que acabamos de afirmar. Denais o Gothic, o gothic arabe, sarraceno, barbaro, gothic lombardo, normando, saxonio, allemano, etc., etc., todos distintos, todos diferentes servem bem para provar o que viemos de dizer, porque,

ainda que de um mesmo genero, diversificam sensivelmente.

Por estas ligeiras demonstrações, que para mais não nos concerte o pequeno espaço de um periodico, pode-se bem conhacer que a marcha que levamos vai errada e que não havemos ainda ate hoje dado um unico passo nem mesmo em direcção ao caminho do progresso artístico, no da nacionalização da arte, fazendo nascer a arquitectura nacional Brasileira, donde devem então surgir todas as outras bellas artes que sem ella não podem florescer.

De que nos valera termos um Horacio Vernet, um Minardi ou Tenerandi se não temos salões para pendurar seus quadros, se não temos nichos nem pedestais para as suas estatuas?...

Si Deus nos houvesse credido um Miguel Angelo, um Raphael ou um Ticiano não nos feria feito mais do que um pequeno favor dando-nos um homem intelligente, porque embora a voz do genio o amasse ao trabalho creador, a concepcion original elevada e magestosa, a indiferença dos nossos contemporaneos, o desprezo d'aqueles (de todos) que não entendem a arte, matal-o-hia de desgosto e só teríamos depois para registrar nas paginas da historia da nossa patria mais um nome desgraçado que a postergação enegrecera, mais um episodio entoar.

E isto é verdade!... E o governo que deve atender para estas miserias que deve velar sobre as artes porque d'ellas depende todo o desenvolvimento da nação, deixá-a morrer de fome e a miseria, ao desamparo oficial, porque os pobres artistasalem de não ter onde trabalhar desenvolvendo o seu genio e o que aprenderão, quando empregados pelo numero, sao remunerados de um modo que envergonha ao mais modesto operario!...

Custa a crer, mas é verdade; paga-se a um filio da nossa academia das muzas *meia* da que a um soldador de canos! menos do que a feitores de obras!... E é assim que o governo quer o progresso das artes, e para isto que se fazem reformas e se creao novas cadeiras de mathematicas, sem que ao menos o pobre mancoco que vai ser artista veja uma luz ainda mesmo de pallida esperanca que o anime a ir perder sem proveito, como lausos célebres, o seu precioso tempo, a sua moralade que empregada n'outro meteria preparamo-la menos de subsistencia contiguas do viver do homem intelligente!...

Não temos nada que mereça as horas da inovação, de honra; nada que nos ponha em paralelo com a nação meios artistica da Europa; e vamos lá afanar desde nosso viver sem arte que faria corar de pejo ao Egypcio, ao Grego menos artista se por ventura aportasse aos nossos caes!...

Não nos chameis de pessimista, não; a conservação da Camara temporaria no edificio da cadeia primitiva, o Palacio Imperial n'uma habitação particular unido ao ex-Convento dos carmelitas, a Biblioteca publica, as Igrejas do Carmo, Lampadossa, Sacramento, Senhor dos Passos, etc., a Escola Militar, a Secretaria do Imperio e a da Justica, a Alfândega, a Camara Municipal (*a nossa Camara Municipal*) o Senado, o Museu; — o celebre Museu das empreitadas — são provas demasiadamente energicas para corroborarem nossa opiniao. No entretanto, outro devia ser o estado d'essas construções; o aspecto da capital deste Imperio riquissimo não devia ser mesquinho e pobre como é, porque antes da sua independencia já o Rio de Janeiro se havia enriquecido de capacidades illustres que se tivessem sido aproveitadas, teríam alicerçado o que hoje está disforme e medonho!...

Quando o sabio governo do Conde da Barca mandou à Europa buscar artistas para a fundação de um lyceu ou academia, teve por certo em consideração o embellecimento da capital e de todo o Imperio; pois que o engajamento do Sr. Grand-Jean de Montigny, arquitecto frances, que *havia sido pensionista do seu governo* em Roma, e a sua união a essa colonia artistica assim nol-o attestou.

A chegada desses artistas ao Brasil devia ter

marcado uma nova época, que se distinguise da colonial decadência, pelo desenvolvimento das industrias, da inteligencia e pelo augmento de civilização, consequencia dessa importação; mas a ignorância caminhou impavidamente com toda a proteccão, e os homens do bello descreverão da sua missão gloriosa, pois que os rasgos do genio e as concepções do espírito, pedem grandeza e expansão e não podem ligar-se as regras do servilismo *cria-desto* que aqui se exige do artista.

Apesar dos bons desejos do governo do Sr. D. João VI, a ideia de tornar o paiz artístico extinguir-se, e o espírito ambicioso veiu substitui-la.

— As artes de bellas, tornaram-se feias — monotonas, — e hoje uma ignorância aventurosa, audaz e estupida, acumula todas as editícões, toda a arte, patentando seu arrojo nesses abertos de pedra e cal, nesses attestados de altrevido charataniamento!

O Sr. Grand-Jean, esse homem eminentemente sabio, esse outro Palladio, morreu, e apenas tres ou quatro obras nos dizem que viveu no Brasil um architecto; a antiga Praça do commercio, reduzida depois a sala de *abertura* da alfândega, a Academia das bellas artes e mais uma ou duas habitações! Mais de mil diferentes composições idealizou a aquelle gigantesco espirito, e tudo ficou sem realização; ali existem hoje no arquivo da sua Academia como em deposito, para servir de passo aos vermes.

Alguns moços desejosos de gloria, avidos de vencermos os obstaculos que se oppõem ao desenvolvimento da sua terra, ligarão-se ao Sr. Grand-Jean, estudarão nos seus trabalhos, ouvirão seus conselhos, suas regras e visão que nos resta; mas sua indiferença é contagiosa, e compreendendo esta mata — mais corajoso, o que se pode esperar desses jovens!... Hum desamumo absoluto e o caminho franco aos hardidos charlatanes, como ja se vê por toda a parte sem consideração nem para os artistas que ainda restam, nem para com o público em geral, pois que ate o proprio governo lhes entrega as suas melhores obras que são depois reconstruídas novamente a novas expensas da nação!

Alguém que amava o coração o engrandecimento das artes, e o melhoramento dos filhos da Academia, obrixe do Sr. Jose Carlos Pereira de Almeida Torres, então ministro do Imperio, a admissão nas Obras Públicas da corte, de bons dos discípulos do Sr. Grand-Jean. E de que valeu essa medida? Abriguei um concurso, escolheram-se bons moços para ficarem longo tempo na expectativa sem saberem d'onde vinha a oposição a seus despachos, e por tanto o obstante ao alimento pelo trabalho. Em 1850 pela retirada das primeiros architectos o governo do Sr. visconde de Monte-Alegre mandou abrir outro concurso em que fomosmos parte e no qual fomos escolhido para o primeiro desses lugares...

— Sentimos ter de parar no ponto mais importante das nossas observações, do estudo da architecture official, da fonte principal do meu gosto dessas obras, sentimos ter de lanear um véu sobre a nossa importancia ali... a modestia ou ressentimento a isso nos obriga: o que quer que seja, *silenciam verbis facundus*.

A imaginacão dos mancebes é amante o magesto e o seu alimento é a actividade; por tanto está claro que só a pobreza os obriga a essa vida estéril e sem futuro, a essa posição ficticia e mesquinha...

A inercia é a morte da intelligencia, e o artista pediu de produzir acaba por materializar-se, por circunscrever-se sem vontade ao mundo dominante. A soberania do genio é avida de culto e de gloria, e isto só se obtém pelo trabalho e pelo estudo esforçado e assiduo, mas que entre nós nada vale porque é inutil.

Poder-se-há dizer sem medo de errar que entre nós mais vale ser *charlatanicamente* esquivado do que applicar-se ao estudo, serio e regular, afim de obter um fundo de conhecimentos uteis; pois que sem projeccão nenhuma obterá ainda que seja inimitável na sua especialidade.

E com tudo ninguém ignora que o paiz no qual os conhecimentos artísticos não ocupam o primeiro lugar, não pode prosseguir por longo tempo na via do adiantamento e da moralidade. Ninguém ignora que das belas artes nasce o progresso de *todas* as indústrias, que elas modificam os usos barbaros e grotescos, e que apesar de despendosas em princípio rendem ao Estado não pequenos cabedais.

Das belas-artes está dependendo todo o progresso deste paiz, bem como d'elas dependem o progresso de todas as nações, e não é maltratando-se brutalmente aquelas que as estudam, que se anima a sofrer a impiedade e o desrespeito de um povo bisonho em tais matérias, que o governo alcança o que diz prelender com a sua reforma académica, pois o mal artístico não partiu d'ali.

— A queda das artes em Roma, nessa tão soberba Roma, diz um historiador, fez-a perder sua sabia influência e glória, e se hoje vive e dos fulgures do passado. O deleite e o esquecimento das artes e ciências em Athenas, precederão a sua morte — as edificações, o trabalho útil, as composições belas da arte, foram substituídas pela incuria, por estólos dedicados à voluptuosidade desmoralizadora; a miséria sucedeu a riqueza!

Uma invasão de leis e hábitos veio confundir sua sabia originalidade, e seus heróis morrerão de dor e de miséria vendo Sparta progredir pelo trabalho e pela honra. — Athenas morreu e morre também como Roma para nunca mais resuscitar...

Sí como temos mostrado os movimentos nacionais, as obras primas da sciencia são os thermometeros por onde se avalia o gigantismo de um povo, o seu estado ilustrativo, porque não se hafe entre nós, acolher como merece, essa lingua, em universal que fala a todos os homens, que revela a potestade os conhecimentos de uma geração nos seus caracteres hieroglificos, tão fortes, que como o Cossen, supportou os barbaros e como o Pantheon a queda de Roma a veta? Porque não se hão-de estabelecer regras pelas quais o arquitecto seja considerado para as construções civis o que é o medico para o corpo, o que é o sacerdote para a alma?...

Pois o povo que copia tudo o que é fútil, não ha de um dia imitar as leis que as nações mais sabias hão posto em prática como necessárias para seu aperfeiçoamento...

Ainda não é tempo de se acabar com esses sacrilégios abusos de *Iesa-civilização* que presidem sempre a construção de nossas habitações?.. Não bastão já esses corpos de delito que a gente d'alem mar introduziu no espírito edificativo que horrifica, que envergonha! Teremos sempre essas portinhas de seis palmos, esses domicílios sem elegância, macaqueados dos castores, que não dão a menor ideia do belo artístico; esses *cinco palmos designados pela lei municipal, como a altura mais apropriada para as habitações de um paiz abraçado pelas ardentes do sol tropical?*...

Estas misérias de construção devem desaparecer, porque os homens que estudarão querem o acolhimento e o trabalho que lhes é devido e que ha tanto reclama o paiz. E' preciso que se attenda a este ponto, porque o povo que adopta o governo representativo, sujeita a sociedade aos princípios beneficiadores, repudia as vantagens incalculáveis que existem sob essa forma de autoridade, quer que o talento seja acolhido como um meio de enobrecer o trabalho popular, a industria dessa mesma sociedade.

Perce impossível que a população benigna, que acolhe ingenuamente toda a apresentação agiota, que ja funda associações para caminhos de ferro, que ja possue iluminação a gaz, não cuide também do embellecimento das suas praças, das suas ruas. Custa a crer que onde ha tanta luz, tanto sol, haja tanta abnegação para se acolhereem dignamente as Bellas-Artes.

Na época em que a França era governada por um rei que de braços abertos acolhia os artistas, quando Versailles escancarava suas portas aos esplendores maravilhosos das artes, quando as obras primas da industria vinham activar o brilho

das luzes desses saraus magestosamente reais, a arte e a sciencia andariam a passos de gigante para o seu lim, os talentos nasciam como por encanto ao aceno de seus amadores, e um sorriso concedido por Mme. Henriqueta de Inglaterra era bastante para fazer progredir o mais systematico regressista Lebrun, Juvenal, Girardon, Puget, Bossuet, Moliere, Conde, Corneille, Boucicaut, La Fontaine, Mignard e outros mais atestam suficientemente o que acabamos de afirmar. Nesse tempo, um ditavio de concepções estableceu uma actividade incalculável e tudo se obtinha facilmente. Foi uma época solemne de entusiasmo, que se elevaram em ações magnanimas, em engenhosos prodígios, calcoando-se acima de toda a grandeza humana!

O acolhimento, que as casas de Medici e Farnesi, prodigiosamente as artes, fez enobrecer a Itália, engrandecendo-a de conhecimentos preciosos, de obras que a tornaria então respeitada de todo o mundo civilizado, e com as quais ainda hoje se enriquecem os museos, academias e palácios da actualidade.

Essa antiga gloria com que, mesmo nestes tempos, se acoberta e se apresenta Portugal, nasceu da protecção que o infante D. Henrique deu aos homens-sabios de seu tempo. No seu século tudo foi grandioso porque a illustração, o espírito criador, tinha acolhimento e era respeitado. Ao marquês de Pombal, pela regularidade que adoptou pela fundação de obras primas e pelas regras da arte que fez executar, deve a cidade de Lisboa o aspecto de nação culta e civilizada.

Como bem se ve, as belas-artes são as unicas representantes das ideias dos povos: nos seus caracteres se revela a philosophia que adoptão, a crença que respeitam e a levão á mais remota posteridade, tanto que ainda hoje os destroços de Pompeia nos falam ao coração, nos divulgão o espirito dos seus habitantes nessas palavras cinzeladas sobre as páginas immensas do grande livro archetectónico.

Sí os Egipcios e Babilonios fossem dominados pelo espírito que dirige os nossos homens, como se comprehenderião os seus hábitos, seus dogmas e seus conhecimentos? A nossa ignorancia seria absoluta, porque esse povo maravilhoso teria passado para nós, como o grito do naufrago no meio da tormenta chamando por socorro!..

As nossas edificações, até mesmo as do governo são entregues a empreiteiros especuladores e aventureiros, que não conhecem a menor regra de construção, a resistencia dos materiais, a consolidação das argamassas, nem mesmo dos rebocos, a harmonia de linhas, o efeito óptico, e que sómente atendem ao lucro, a imitação servil do mesquinho, reproduzindo com um vigor admirável entre outras anomalias, (o mais terrível dos disparates, e dos absurdos, esses peccados de alvenaria, e nem ao menos comprehendem que não se devem collocar barretes em cabeças que já tem chapéos).

Não ha uma pedra regular em que o viajante desembarque nas nossas praias: os caes são montes de entulho, mescelados de imundícias, e isto na capital. As melhores obras são entregues a engenheiros Ingleses e Italianos, e nada se vê que mostre a utilidade de se buscarem estrangeiros, nem a do accrescimo dessa despesa, deixando-se de acolher os que cursam as academias Brasileiras. Tudo se vai buscar a Europa, como no tempo sanguento de colonia, ali mesmo os eruditos calceteiros.

No meio deste século grandioso, repleto de descobertas admiraveis, n'uma época em que a aurora da influencia espiritual começa a despontar, aliarão-se como objectos despresíveis, para as salas inferiores afim de não furarem o papel da sala, com alguns quadros históricos ou de famílias que possuia um ou outro europeu amante das obras d'arte, substituindo-os por *deliciosas e românticas*

figuras de porcelana, ou modelos dos ultimos vestidos de Paris!..

E como não se hão de marchar todas as esperanças do artista? Como não se ha de aniquilar essa sombra va que no tocar-se desaparece e a que chama gloria? — Glória na nossa terra... branca nuvem das candidas illusões rompeu o hábito do sarcasmo ou impelle-a morte o pampeiro dos sepulchros. Quantos sacrifícios da mocidade abandonados, quanto affecto gasto inutilmente e no fim decepcionado, e no fim o caixão da amargura porque elle ainda não esta esgotado, porque o homem intelligente é o martyr dessa nova inquisição.

A maioria dos artistas desfalece no inicio da miseria e o seu *Pantheon* pouco fará, porque o entusiasmo publico não passa além de palmas na sala do theatro aristocrático, não consiste senão em ir a assistir a bailes esplendidos, e nas noites de febreiro repouso em dar um passeio pela classic e romantica rua do Ouvidor, moralizando-se depois na compra das ações do banco, das companhias de salubridade, mineração e caminhos de ferro.

Sí não houver uma mão energica que sustenha a marcha errada que leva o nosso povo, alargando o circulo da instrucção preciosa, ai d'elle, ai de nos, porque se o abandono continuar como vai, si as belas-artes não tiverem acolhimento, uma desolação estéril sera talvez o fim deste grande imperio, e a ignorancia acumulará todas as posições grandiosas, todas as intenções, invertendo tudo... A guerra então não valera mais: a espada terá perdido a influencia como as armas dos conquistadores para com os indigenas, e entregue-se-lão à morte como mais uma prova de barbarismo, ou como um meio de acabar uma vida que lhes pesa, porque não pode ser útil a ninguém.

Não sei si erramos: o que porém não podem contestar-nos é, que a miséria, a fome, a peste, a physica, a corrupção, o *patronato* desmoralizador, domiciliário-se entre nos, andão por entre todos, comprimentando o rico e abracando o pobre e que não se cuida de os desalojar, de construir habitações regulares, casas hygienicas e não sarcophagos megalíticos, não se trata de salvar essa massa elerma que lodo sofre e que se chama povo!...

E pois, já que tanto dissemos a respeito da desorganização e atraso constructivo, do amortecimento das belas-artes, da morte da nossa archiectura, pedimos a quem compete, — ao Sr. Ministro do Imperio, à Camara Municipal, a quem tem desejo de fazer alguma cousa pelo bem da patria, pelo bem do progresso, pelo seu proprio bem, que attenda as belas-artes, as pobres belas-artes, que anime os moços de talento que amão o trabalho e que já kommerão a desesperar com a indiferença, renegando o estudo, porque dessa protecção resultari o seu proprio engrandecimento, a gloria do Brasil; e para que um dia seu nome tenha a honra de ser escrito a par dos dos magnanimos protectores das artes, dos de Leão X, Francisco I, Xisto V, Luiz XIV.

27 de Abril de 1855.

F. J. BITTENCOURT DA SILVA.

## VARIÉDADES.

### Observações curiosas.

(Continuação.)

Sí não existissem mais padres, as moças poderiam substituir-se, porque também *ourem confissões agrícolas, guardam o necessário sínodo, e absolvem, ou dão penitência*.

Não devia admirar a ninguém, quando modernamente descobrirão os entusiastas do magnolismo, que as meias gyrvavão por si mesmas, e entendião o que se lhes perguntava: visto que ja se sabe que os banhos tem ocores.

Poucos são os noivos, que não tem o corpo bastante sujo; pois para casarem-se precisam de tres banhos.

E pena que não haja um convento para os frades menos pecadores que conheço; que são os de pedra.

Há certos jogos, em que mais vale ter carta braca, do que Rei, Conde, ou mesmo Dama.

Os ministros só tem um gênero de acidentes mortíbidos a rececer: é a queda.

Muito compridas devem ser as mesas, que servem nas salas dos Parlamentos; pois que os seus Membros são incansáveis em mandar-lhes emendas.

Não sei porque razão não se tem ainda descoberto quais são os primos das obras-primas.

Há uma causa que os doentes desejão evitar, e os militares e empregados públicos alcançar: são os accessos.

Acho muito fora de propósito que se chegue um homem à qualquer moça, e apesar de conhecê-lo a natural fraquezza, a convide para entrar em sua quadra!

Julguei até certo tempo que só o homem era suscetível de enlongecer; mas hoje estou persuadido de que o dinheiro pode ser afectado da mesma enfermidade; e tanto assim é que muito dinheiro ha metido em casa forte.

Existe uma classe de homens, que provavelmente devem ser thesouras; são os que formam e compõe as Thesourias.

Os literatos, ainda os de melhor nota, são também meirinhos, quando citam os diversos autores.

#### Páginas de uma vida obscura.

(Continuação.)

Domingos o interrompeu brandamente e procurou levar ao seu coração algum lenitivo, demonstrando-lhe quanto a sua maneira de raciocinar era contraria aos preceitos de Christo. Mas o desgraçado escravo lhe impôs silêncio por um desses gestos solenes de desesperadora incredulidade que só o escravo posse e comprehende.

Christianismo! exclama depois com voz repassada de dor.

Praticam-nos os nossos tyrannos? Sentimos nós outros victimas de seus cruéis caprichos, de seu brutal domínio, influencia alguma em tal conducta havida connosco, dessa religião que dizem profissão e de cujo ensino e verdades depropósito nos privam?

Eu tinha uma mulher e dois filhos: venderão-os quando menos o pensava, a diferentes senhores. Minhas lagrimas, minhas suplicas só me obliterão maiores rigores.

Só a lei de Christo é, como se diz, igual para todos, se ella proíbe ao forte abusar de seu poder contra o fraco, como persegue o branco os que lhe roubão mulher e filhos, e commetem connosco impunemente um tal delicto, prevalecendo-se do direito do mais forte?! E' preciso que lhe obedecamos em tudo sem replica, sem consideração quando quer! Embora sejam nossos senhores víscios, bárbaros, assassinos, (Domingos estremeceu involuntariamente,) o escravo deve reverenciar-los como arbitres de sua sorte, como se virtuosos e sanctos fossem.

Quem já não deu razão ao pobre escravo contra o senhor, tenha este sido um flagello insuportável de toda a sua vida!

Agora mesmo que, desafogando comovendo a minha dor sempre contida, roubo um instante ao trabalho interminável que me é destinado, estou certo de que lá me espera o auge, quem sabe mesmo se.....

A voz do infeliz escravo suffocada no pranto, emudeceu, e tornando o seu fardo, agreeceu a Domingos por um aceno expressivo, arrancado da alma uns cobres que este lhe mettéra na mão, dizendo-lhe: « tem paciencia, meu parente; o céo se abrirá sempre aos que soffrem ca na terra! » O desgraçado alongou-se sem nada responder a estas palavras de consolação.

(Continua.)

#### REVISTA DA QUINZENA.

Cumpramos o nosso fado; e vamos representar de Deos Jano, que, como os meus leitores sabem, tinha duas caras, (donde concluo que a nossa época tem muitos Deoses Janos) uma das quais usava olhos para ver o que se passava a diante, e a outra os tinha igualmente para observar o que se fazia pelas costas; e nós na nossa alta qualidade de historiador da quinzena temos só de usar dos olhos retrospectivos.

Uma das primeiras causas que estou vendendo é o medo, e os apuros dos examinandos directores de collegios de instrução primária, que de certo bem longe estariam de suppor que chegasse tempo de passarem de martello a bigorna; mas lá di o anexim *mudar-se a sorte de tudo* (*so a minha sorte não*; a de contador da historia da quinzena). A falar a verdade, é uma causa um pouco desengradada; mas estamos no tempo do progresso; e é bem bom que tudo se aperfeioze; e eu que estava com tencões de montar também um collegio monstro, que já sonhava com a receita produzida pela verba — Pensionistas — (já se sube do collegio, e não do estado, porque estes estão encavados na despesa) fico olhando às estrelas, porque de exames não gosto nada, nem mesmo os de consciencia: paciencia: exigirão outro meio de ganhar a vida, que é o que não falta neste rico Paiz; e o ponto está em que haja animo, e vontade decidida de trabalhar; que são justamente as duas consinhas que ando procurando, e que tenho toda esperança de achar, porque não são nenhum brillante monstro, que aparece como raridade. — Mas ah! que estou já com a vista cansada, e em quanto descanso darei aos meus leitores a noticia da instalação de uma sociedade protectora das viúvas desvalidas; idea que julgo eminentemente philanthropica, e que faco votos para que se realize plenamente; pois neste tempo, em que parece que todos portfiam em beneficiar a humanidade, proporcionando-lhe todos os meios tendentes ao seu progresso em geral, bem cabida e louvável é a intenção dos que se lembrão de amparar más de família victimas da viuvez: segundo dizem os jornaes essa idéa partiu de um sacerdote, e melhor, e mais adequada ao seu fim não podia ser: porque o ministro do altar é certamente o homem da caridade. — Ao passo porém que se instala uma tal associação, com fins pacíficos, e protectores; (como são as causas deste mundo!) abre-se a escola de applicação do nosso exercito na fortaleza de S. João! Uns reunindo-se para salvar, outros para estudarem a matar! Mas ambas as causas tem seu lado de utilidade; e eu apesar de toda a minha tendencia pacifica não esconjurou a guerra, pois entendo que ella é como a cirurgia, que corta, e derrama sangue para evitar mal maior. O acto da abertura desta escola foi honrado com a presença do nosso Monarca, que nunca falha em tais ocasiões, aparecendo sempre como protector nato de todas as empresas, que tendem ao engrandecimento de seu paiz. Agora que estou já melhor da vista não posso deixar de dizer-vos que vi uma causa muito bonita, e é a primeira folha impressa do poema do nosso patriarca Dr. Magalhães — *A Confederação dos Tomos* — edição rica, saída das officinas do nosso

incansável e benemerito artista, o Sr. F. de Paula Brito, tão conhecido no Brasil pelo zelo, amor e dedicação consagradas à engenhosa arte de perpetuar o pensamento e a palavra.

Este artista de reconhecido mérito, que nada tem poupadado para o engrandecimento da arte typographica acaba de depositar nas augustas mãos de S. M. o Imperador uma peleja para que seja incorporada e mais brevemente que for possível a sua — *Empreza Litteraria* — alim de que elle possa ir a Europa estudar os melhoramentos da sublime invenção de Gutenberg, e introduzil-o em seu Paiz: este facto concorre ainda para provar o que poucas linhas antes dissemos em abono do arnor artístico, que anima o Sr. Paula Brito. Deus o projeta em suas tão dignas aspirações, que da gloria que lhe trouxerem, participará também a sua patria. — E já que falhamos em Arte, e em artistas Brasileiros, citemos um nome illustre na pintura: o Sr. Nery, recente-chegado da Europa, torna-se digno da animação de seus compatriotas: distinto filho da nossa Academia das Belas Artes, alcançou o merecido premio de seus talentos: ide vêr, ide admirar um trabalho seu exposto em casa do Sr. Bernasconi, (Rua do Ouvidor) — Não há dúvida, esta quinzena é toda artística: o nosso exímio e primeiro marceneiro o Sr. Netto acaba de fazer mais uma obra primorosa, destinada a representar na Exposição de Paris: é uma caixinha formada com pequenos pedaços de madeira de 150 qualidades, e todas do Brasil; encorajamento que fez o Exm. Sr. senador João Antônio de Miranda para collocar amostras de seda brasileira do Estabelecimento Seropédico de Baguá, dirigido por S.Ex. Felicitemo-nos por tão grande idéia: uma caixa tão primorosamente feita, obra de um artista brasileiro, e as amostras de seda também brasileira vão aparecer nesse grande bazar industrial; já não são ramos artificiais fabricados por estrangeiros. Caminhemos assim; e teremos considerações entre as Nações industriosas, e amantes das artes. Mas onde von eu?! Como me hia esquecendo do facto mais saliente, mais importante desta quinzena: facto, que encerra tantas esperanças, tão cheio de futuro para o paiz! está visto que eu para ser e-criptor publico, eu, (e comigo que calvava?) saíra reprovado *acelhores pelameis discipente*. Ir passando em silêncio a abertura das camaras! esta só me podia acontecer! mas salvei-me; lembrei-me ainda em tempo; e como não gosto de imposturas fui logo declarando que me ia esquecendo de tocar neste ponto: causa que talvez outro mais experito do que eu não fizesse; pois teria logo a diplomática desculpa de ter guardado para o fim por ser muito importante; mas em que sou um pedaço d'asno (com perdão dos meus leitores pelo expressivo) fui logo francamente dizendo que não me lembrava. Este anno abrirão-se constitucionalmente, quero dizer como manda a nossa Constituição, no dia 3 de Maio as nossas camaras; e aquelles boatos vagos de oposição, de que vos falei na passada quinzena, vão cada vez tornando mais vulto: estou adivinhando que ha de haver oposição; oh! se ha de haver; e então vamos esperar até o dia 31 deste mes, que vos direi então se eu sou propheta, ou para melhor dizer, político profundo. Ha de haver o dia 30 a quatro: (Deus permita que não haja nata) discursos de meter medo, debates rigorosos; tomada de contas atrasadas, mil causas; ainda bem que eu não sou ministro; era o caso, em que me dava por incomodado, e retirava-me para fora da cidade. Emfim: não quero estar aqui predizendo futuros: só o que vos digo, é que ha de haver trovoadas, e para não apanhar chuva, permitti que me refire. Até o dia 31 deste mes.

*Desfrugão da charada da quinzena antecedente.*

QUARESMA.